

## Percurso iconográfico pela coleção do Museu de São Roque

A coleção de pintura do Museu de São Roque integra obras executadas entre o século XVI e o século XX, com predomínio de pintura portuguesa de temática religiosa, seis e setecentista, facto cuja explicação se encontra na história da própria coleção (Caetano, 1998b).

Fundada em 1498 pela rainha D. Leonor (1458-1525), a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa foi reunindo ao longo do tempo um espólio artístico diversificado, resultante de legados, doações e aquisições. Infelizmente, e tal como aconteceu com muitas instituições da cidade de Lisboa, a Misericórdia perdeu muitos dos seus bens patrimoniais no terramoto de 1755, o que explicará, pelo menos parcialmente, o facto desta coleção de pintura integrar apenas uma obra que já era propriedade da Misericórdia de Lisboa antes do fatídico acontecimento. Referimo-nos à pintura tradicionalmente identificada como representando o *Casamento de D. Manuel*, realizada por Garcia Fernandes (c. 1514-c. 1565), em 1541, que poderá tratar-se do *Casamento de Santo Aleixo* (Caetano, 1998a e 1998b). Desta forma, e excluindo esta obra, podemos afirmar que a coleção de pintura foi constituída entre a segunda metade do século XVIII e a atualidade, resultando, em grande parte, de doações e legados.

Entre as doações feitas à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, destaca-se a de D. José I (1714-1777), do conjunto arquitetónico da igreja e casa professa de São Roque, incluindo o seu recheio. De facto, grande parte da coleção de pintura do Museu de São Roque resulta desta doação, que ocorreu em 1768, na sequência da expulsão da Companhia de Jesus de Portugal.

Em 1833, a Misericórdia beneficiou de uma outra importante doação régia. No contexto da vitória liberal, e um ano antes da extinção das ordens religiosas em Portugal, D. Pedro IV (1798-1834) doou à instituição o convento franciscano de São Pedro de

Alcântara, de frades capuchos da província da Arrábida, um convento erguido no final do século XVII e que ocupa um quarteirão de grande extensão no Bairro Alto, integrando um conjunto significativo de obras de pintura, a maioria das quais conservadas no próprio edifício.

A Misericórdia de Lisboa tem vindo, igualmente, a adquirir obras de arte, enriquecendo, assim, o seu acervo patrimonial. No que respeita à aquisição de pintura, a Misericórdia tem-se guiado por um critério de coerência, procurando acrescentar ao seu acervo obras que se relacionem com a história e o simbolismo da instituição. De destacar a aquisição, em 1983, de uma pintura executada no final do século XVI, por Domingos Vieira Serrão (1570?-1632), representando *Nossa Senhora da Misericórdia* e um conjunto de quatro pequenas tábuas quinhentistas, alusivas à Paixão de Cristo, em 1995.

Um dos problemas maiores com que nos deparamos no estudo desta coleção de pintura é a questão das proveniências. Se em certos casos a mesma é indiscutível, em particular no caso de peças provenientes da igreja de São Roque, em muitos outros é difícil afirmar perentoriamente o local de origem e o nome do encomendante, tanto por falta de documentação, como pelo facto de nos inventários de que dispomos serem escassas as referências a obras de pintura.

### A vida de Cristo nesta coleção

Entre as obras de pintura expostas no museu verifica-se uma clara predominância da temática da vida de Cristo, em particular episódios da Natividade e da Paixão. Entre os primeiros, de destacar três obras representando a *Adoração dos Reis Magos*. A mais antiga destas obras, atribuída ao círculo de Gaspar Dias (c. 1515-c. 1591) e executada cerca de 1570 (cat. 6), é considerada uma das melhores pinturas quinhentistas do acervo do museu pela hábil utilização de um jogo de contrastes e oposições, ao que se junta o trabalho

minucioso na representação dos elementos arquitetónicos, ornamentos e peças de ourivesaria, e o tratamento aprimorado da luz e das sombras.

Uma segunda pintura dedicada a esta mesma temática foi executada por Bento Coelho da Silveira (1617-1708), cerca de 1656 (cat. 14). Trata-se de uma obra da primeira fase de produção do pintor que terá sido realizada para um conjunto dedicado ao tema da *Natividade*, do qual se conserva no museu, além desta, uma outra tela ilustrando a *Anunciação*. Bento Coelho, um dos mais profícuos pintores portugueses do século XVII, segue o esquema iconográfico habitual na época, respeitando as normas emanadas do concílio de Trento (1545-1563). No que respeita à paleta e ao tratamento da luz, verifica-se uma filiação na pintura ibérica protobarroca, tenebrista, caracterizada por fortes contrastes de claro-escuro. Finalmente, expõe-se no museu uma terceira pintura dedicada à *Adoração dos Reis Magos* (inv. Pin. 14), executada na transição do século XVII para o século XVIII por António de Oliveira Bernardes (1686-1732). Em qualquer umas destas três pinturas verifica-se um cuidado especial na representação das oferendas dos Magos e no tratamento das suas vestes.

Ainda dentro da temática da *Natividade* expõe-se no museu uma tela seiscentista saída da oficina de André Reinoso (c. 1590- pós 1650), representando a *Adoração dos Pastores* (cat. 11), que reproduz uma gravura flamenga realizada por Hieronimus Wierix (1553-1619) para as *Evangelicae Historiae Imagines* do padre Jerónimo Nadal (1507-1580), livro de referência para os padres da Companhia de Jesus. Trata-se de um trabalho de boa conceção no que respeita ao desenho e ao modelado das figuras, que demonstra uma certa adesão à corrente maneirista.

Finalmente, e no que respeita à infância de Cristo, de destacar uma obra executada cerca de 1740 por Francisco Vieira de Matos (1699-1783), também conhecido por Vieira Lusitano, representando o episódio do *Repouso na Fuga para o Egipto* (inv. Pin. 11). O tema é tratado dentro dos modelos do classicismo

romano: sobre um fundo de paisagem, a Sagrada Família repousa num cenário arquitetónico clássico, em ruínas.

A morte de Cristo foi outro dos temas amplamente explorados pela Companhia de Jesus com objetivos catequéticos. No Museu de São Roque apresentam-se duas pinturas tardomaneiristas, da autoria de Simão Rodrigues (c. 1560-1629) e Domingos Vieira Serrão, ilustrativas dos episódios da *Oração de Cristo no Horto* e do *Lava-pés* (cat. 9), que terão pertencido a um ciclo pictórico dedicado à Paixão de Cristo. Estas duas obras, executadas na primeira década do século XVII e inspiradas em gravuras das *Evangelicae Historiae Imagines*, que referimos atrás, destacam-se pelo seu estilo correto e depurado, características fundamentais da pintura pós-tridentina, ainda que apresentem deficiências no tratamento do espaço, notando-se fortes incorreções no desenho em perspetiva na tábuas que reproduz o *Lava-pés*. Também seiscentistas, mas de autor desconhecido, conservam-se no museu duas telas que pertenciam à capela de Nossa Senhora da Piedade da igreja de São Roque: *Cristo a caminho do Calvário* e *Descida da Cruz* (cat. 16) (fig. 1). Estas duas obras destacam-se pelo forte efeito cénico que lhes é característico, o qual resulta da paleta cromática contrastante, da agitação das figuras e do alongamento irreal dos seus corpos. Estas características, aparentemente pouco ajustadas aos cânones pós-tridentinos, denunciam uma nítida influência do maneirismo italiano. A Paixão de Cristo encontra-se igualmente representada num conjunto de quatro pequenas tábuas quinhentistas, pintadas a óleo, adquiridas pela Misericórdia de Lisboa em 1995 (inv. Pin. 301), figurando, em cada uma delas, as cenas de *Cristo deposto da Cruz*, *Calvário*, *Ressurreição* e *Deposição no Túmulo*. Trata-se de um conjunto de pinturas em grisalha, de tendência maneirista, talvez esboços para enviar a encomendantes para aprovação de trabalho final. Igualmente a óleo sobre madeira e da mesma época, apresenta-se no museu uma obra com a temática do *Calvário* (inv. Pin. 219), trabalho incipiente



Fig. 1  
Vista geral das pinturas *Cristo a caminho do Calvário* e *Descida da Cruz* provenientes da capela de Nossa da Piedade da igreja de São Roque na exposição permanente do museu

no que respeita ao tratamento da paisagem de fundo e da figura humana, ainda que de desenho correto. Finalmente, de notar uma pintura dedicada ao tema da *Descida da Cruz* (cat. 18) que reproduz o estudo de Rubens (1577-1640) para a pintura executada em 1611-1614 para a catedral de Antuérpia.

### O culto mariano

O culto mariano, reforçado no concílio de Trento, encontrou também na Companhia de Jesus um forte incentivo. Assim se compreende que várias confrarias ligadas à Virgem se encontrassem sedeadas em capelas da igreja de São Roque, bem como o significativo número de representações da Virgem que se

conservam no espaço da igreja e do Museu de São Roque.

No museu exibe-se uma representação de *Nossa Senhora do Pópulo* (cat. 8), datada do final do século XVI, uma de quatro réplicas que existiriam em São Roque do modelo tradicionalmente atribuído a São Lucas e que se conserva na capela Borghese da Basílica de Santa Maria Maior, em Roma. A importância desta obra reside, em grande parte, no facto de constituir um testemunho de um culto muito difundido na Contrarreforma e que teve uma forte expressão nas casas religiosas e missões da Companhia de Jesus um pouco por todo o mundo. Já do século XVII, apresenta-se uma pintura da *Anunciação* (cat. 14) executada por Bento Coelho da Silveira, a qual referimos atrás por constituir um par com a *Adoração dos Reis Magos* (inv. Pin. 29).

### Os mártires e os martírios

A representação de cenas de martírios e da iconografia de santos mártires adaptava-se modelarmente às novas intenções da Igreja Católica reformada, pelo que a Companhia de Jesus, na prossecução dos seus fins doutrinários e catequéticos, fez largo uso desta temática. Neste contexto, um dos cultos muito fomentados foi o das relíquias, apresentadas aos fiéis como um veículo privilegiado para alcançar a salvação.

No museu conserva-se um conjunto de quatro telas pintadas a óleo que originalmente cobriam os altares das relíquias da igreja de São Roque, duas de formato retangular, executadas na transição do século XVI para o século XVII, o outro par, de formato semicircular, executado cerca de um século mais tarde para encimar as anteriores. Do lado do Evangelho, cobrindo o altar das relíquias dos Santos Mártires, exibia-se uma pintura de Fernão Gomes (1548-1612), representando *Cristo em Glória rodeado pelos Santos Mártires* (cat. 10). Do lado oposto, o altar das relíquias das santas mártires encontrava-se coberto por uma

tela com a representação de *A Virgem em glória rodeada pelas Santas Virgens*, executada por Diogo Teixeira (1540-1612). As duas telas semicirculares – *Adoração do Cordeiro Místico pelos Reis de Judá e Israel* e *Adoração do Cordeiro Místico pelas Heroínas do Antigo Testamento* – foram executadas na década de oitenta do século XVII, por Bento Coelho da Silveira. É nítida a relação entre os temas representados neste conjunto de quatro pinturas e os relicários que estas cobriam e que só eram exibidos ocasionalmente para veneração das relíquias.

Ainda dentro da temática do martírio expõem-se no museu dois estudos originalmente pintados a óleo sobre cobre e posteriormente trasladados para um suporte de tela, da autoria de Frans Francken II (1581-1642), pintor de Antuérpia – *Martírio de Santo André* (inv. Pin. 27) e *Martírio de Santa Catarina* (inv. Pin. 221). Estes estudos barrocos flamengos, apesar de danificados pela mudança de suporte, destacam-se pelo tratamento da cor – aplicada em pequenas pinceladas – e da luz.

### Outros santos representados na coleção

Remetendo para as origens do espaço de São Roque, exibe-se no museu um conjunto de quatro tábuas quinhentistas pintadas a óleo (cat. 1), representando episódios da vida e lenda de São Roque que faziam parte do retábulo da antiga ermida manuelina. Mandada construir para albergar uma relíquia de São Roque oferecida a D. Manuel I (1469-1521), foi demolida para construir a igreja e a casa professa da Companhia de Jesus. Como contrapartida, a Companhia de Jesus viu-se obrigada a dedicar a igreja ao santo e a construir uma capela no seu interior para culto privado da sua irmandade na qual terão sido instaladas estas quatro tábuas. Trata-se de um conjunto pictórico executado cerca de 1520, discutindo-se ainda hoje a sua atribuição.

A iconografia franciscana encontra-se igualmente bem representada essencialmente, através de obras

provenientes do convento de São Pedro de Alcântara, nomeadamente a tela de *São Conrado* (cat. 17), irmão franciscano da Ordem Terceira, e uma representação da *Imaculada Conceição com o Menino* (inv. Pin. 250), executada por Inácio de Oliveira Bernardes (1695-1791), cerca de 1740. Trata-se de uma pequena tela inspirada na obra dedicada ao mesmo tema executada pelo pintor romano Giovanni Odazzi (1663-1731) para o convento de Mafra. Expõe-se, ainda, no museu, um conjunto de cinco telas, pintadas a óleo, representando *São Joaquim*, *Virgem Maria*, *Santa Ana*, *São José* e *São João Batista* (cat. 19). Provavelmente seriam provenientes do refeitório da casa professa de São Roque, o que faria delas parte do acervo que a Misericórdia “herdou” da Companhia de Jesus. Contudo, não é conhecida documentação que associe claramente tais pinturas à casa-mãe dos jesuítas, podendo estas ter vindo a integrar a coleção por outra via.

Finalmente, de destacar uma pintura que se expõe no museu, de final de Setecentos, da autoria de Joaquim Manuel da Rocha (1727-1786), dedicada a São Sebastião (cat. 20). Trata-se de uma pintura académica, de certo impacto visual, que narra em simultâneo três episódios da vida do santo. Não são conhecidos até ao momento registos que documentem a encomenda desta peça, que tanto poderá ter sido propriedade da Companhia de Jesus, como de uma das irmandades sedeadas na igreja de São Roque, ou, ainda, ter sido doada à Misericórdia na sequência da extinção das ordens religiosas, em 1834.

### Iconografia e história da Misericórdia de Lisboa

Entre as obras pintadas representativas da iconografia e da história da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, destaca-se a pintura alusiva ao *Casamento de Santo Aleixo* (cat. 2), executada em 1541 para a então sede da instituição, a atual igreja da Conceição Velha. Nesta pintura, executada por Garcia Fernandes,

encontra-se representado o então provedor da Misericórdia de Lisboa, D. Álvaro da Costa (c. 1470-1540), identificado por uma inscrição desenhada nas suas vestes.

Diretamente relacionadas com a iconografia da instituição, exibem-se no museu um conjunto de quatro bandeiras processionais figurando a imagem de Nossa Senhora da Misericórdia, na frente, e de Nossa Senhora da Piedade, no verso. Destes quatro estandartes, três foram executados no século XVIII e um no século XIX, estando apenas identificada a autoria de um deles, executado por Bernardo Pereira Pegado (c. 1715-c. 1790), em 1784 (cat. 23). Evidenciam-se, também, pelo seu valor simbólico, as duas bandeiras de condenados (cat. 22).

Ainda dentro da iconografia de Nossa Senhora da Misericórdia, merece particular enfoque uma pintura a óleo sobre madeira, executada no final do século XVI por Domingos Vieira Serrão (cat. 7). Esta pintura tardomaneirista, que segue claramente as normas tridentinas, destaca-se pela qualidade do desenho, simplicidade da composição e tratamento da cor.

Finalmente, integra a coleção de pintura um estudo para um retrato da rainha D. Leonor (inv. Pin. 292), fundadora das Misericórdias, da autoria de José Malhoa (1855-1933) e datado de 1926, que serviu de base para a realização do retrato que integra o acervo do Museu José Malhoa, nas Caldas da Rainha (inv. Pin. 1).

### Algumas considerações finais

Constatamos, deste modo, que esta coleção constitui um importante núcleo de pintura portuguesa da Época Moderna, encontrando-se nela representados alguns dos mais significativos artistas portugueses da época, bem como os movimentos artísticos que a caracterizam: Garcia Fernandes, Cristóvão Lopes (1516?-1594), Gaspar Dias, Simão Rodrigues, Domingos Vieira Serrão, Fernão Gomes, Diogo Teixeira, Bento Coelho da Silveira, André Reinoso,

Domingos da Cunha, “o Cabrinha” (c. 1598-1644), André Gonçalves e Joaquim Manuel da Rocha, entre outros.

Podemos, ainda, afirmar que há uma clara predominância de pintura seis e setecentista de temática religiosa, destacando-se o núcleo de pinturas provenientes da igreja e da casa professa de São Roque. Assim se compreende que os temas com maior representatividade nesta coleção se relacionem com as principais devoções cultivadas pela Companhia de Jesus: episódios da vida de Cristo e da Virgem, cenas de martírios e a iconografia e a vida de santos da Ordem inaciana. Criada em 1540 pelo papa Paulo III (1468-1549), através da Bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, num período de crise da Igreja Católica Romana, a Companhia de Jesus desde logo se apercebeu das possibilidades oferecidas pela imagem enquanto instrumento de propaganda religiosa. Ao exibir nos retábulos e nas paredes das suas igrejas pinturas ilustrando episódios paradigmáticos da vida de Cristo e da Virgem, bem como de santos mártires e de santos da Companhia, contribuía habilmente, e dentro do espírito tridentino, para assegurar a unidade da Igreja Católica.

Às obras provenientes da igreja e da antiga casa professa de São Roque, juntam-se outras, resultantes de doações, legados e aquisições, que enriquecem e diversificam esta coleção, com particular destaque para o núcleo de pintura proveniente do antigo convento franciscano de São Pedro de Alcântara e o núcleo de pintura de temática relacionada com a história e a iconografia da Misericórdia.

Entre a pintura de temática profana, pouco representada nesta coleção, evidenciam-se os retratos de figuras associadas à história da Misericórdia de Lisboa e de outras instituições cujo património foi entregue ao seu cuidado. No museu expõe-se o par de retratos régios de D. Catarina (1507-1578) e de D. João III (1502-1557) (cat. 3), pelo valor simbólico que encerram ao invocarem o apoio prestado pela família real portuguesa à Companhia de Jesus aquando do seu estabelecimento em Portugal. Estes retratos foram atribuídos a Cristóvão Lopes, que os terá executado na década de 50 do século XVI a partir dos retratos-protótipo da autoria de António Moro (1516-1576).

**Helena Alexandra Soares Mantas**